

A antinomia do indivíduo moral moderno: liberdade, igualdade e virtudes nos séculos XVII e XVIII¹

Felipe Cardoso Silva²

Em sua apresentação de *A paixão da igualdade: uma genealogia do indivíduo moral na França*, Newton Bignotto chama atenção para um aspecto crucial desse estudo. Ele tem como cenário os séculos XVII e XVIII e expõe a formação do indivíduo moral moderno a partir dos conceitos de liberdade, igualdade e virtude; não obstante, é um engano considerar que ele está tratando de temas e problemas distintos de nossas práticas políticas e morais contemporâneas; ao contrário, ele se enraíza em sua análise. O ponto de partida de Vinicius de Figueiredo é a *antinomia do sujeito moral moderno*, expressa politicamente na concepção comum de que as democracias parlamentares devem assegurar a igualdade e a liberdade entre seus membros. Não se trata, portanto, de um tema exclusivo de uma análise histórica, mas concerne ao funcionamento dos regimes políticos contemporâneos e, por extensão, da nossa subjetividade política e moral. A exigência de que igualdade e liberdade convivam em um mesmo indivíduo e seus semelhantes, quer dizer, que os parlamentos devem preservar os indivíduos, ao mesmo tempo, iguais em direitos e livres para a ação, exige esforços em conciliar de modo efetivo, sob o risco de se deslegitimarem, uma propensão niveladora e uma aptidão à distinção. Se, hoje, nos parece evidente a necessária convivência desses conceitos em um mesmo indivíduo, isso se deve à *lógica de sua mutação semântica*, que foi capaz de articular no indivíduo moral moderno, com diversos arranjos e proporções, conceitos opostos a princípio.

Assim, essa genealogia do indivíduo moral moderno, sob a forma de um estudo histórico erudito, constitui, na verdade, um empenho filosófico de analisar a lógica das mutações semânticas dos conceitos de igualdade, liberdade e virtude, presentes nas relações entre processos sociais e esquemas discursivos que possibilitaram a constituição dessa forma de subjetividade que nos é, hoje, comum. Nesse caso, os esquemas discursivos só se tornam socialmente relevantes, quer dizer, capazes de expressar e operar mutações semânticas em relação com os processos sociais, em contextos nos quais existe larga circulação social desses esquemas. Vinicius de Figueiredo encontra um desses contextos, possibilitado pela invenção da imprensa, nos círculos letrados dos séculos XVII e XVIII, em que se alinhavam produções literárias, artísticas e filosóficas. Para conduzir sua genealogia, adota como princípio heurístico a tese do *declínio do herói clássico*, entendido como a figura do indivíduo de relevo, comum nesses círculos na primeira metade do século XVIII, e que se poderá identificar em âmbitos tão distintos quanto a pintura de Poussin, a poesia de Corneille e a filosofia moral

¹ Resenha do livro *A paixão da igualdade: uma genealogia do indivíduo moral na França*, de Vinicius Figueiredo (Belo Horizonte: Relicário, 2021).

² Doutorando em Filosofia pela FFLCH-USP. Membro do Grupo de Filosofia Alemã da USP.

de Descartes. A essa figura se atribui a qualidade de modelo moral de conduto frente às adversidades do mundo.

Seu declínio decorre do modelo do indivíduo nivelado, que não conhecerá nenhuma diferença moral relevante em relação aos seus semelhantes. Em geral, sua origem é teológica, ela está no reconhecimento da igualdade dos indivíduos frente ao pecado original. Sua formação teórica é dada pelo contradiscurso elaborado por Pascal e pelos senhores de Port-Royal. Não obstante, ela conhecerá, ao menos, duas configurações distintas, que terão suas próprias expressões filosóficas, artísticas e políticas. A primeira, predominante na Inglaterra reformada, valoriza as competências individuais na construção da sociedade, quer dizer, sua liberdade de ação. A segunda, predominante na França revolucionária, reforça o nivelamento das condutas nas relações em sociedade, isso é, sua igualdade natural. Essa é perceptível em teóricos tão díspares quanto Hobbes, Harrington e Locke; aquela, constante em autores tão conflitantes quanto Rousseau, Voltaire e Diderot. Percebe-se como, com a dissolução do herói clássico e da ética aristocrática, desenha-se a antinomia do sujeito moral moderno, a antinomia entre liberdade e igualdade. Assim, a trama desse indivíduo é atravessada por duas tendências conflitantes, alinhavadas na constituição do indivíduo moral moderno próprio às democracias parlamentares.

Vinicius de Figueiredo elege a segunda configuração do indivíduo moral, a francesa, como tema de sua genealogia das ideias morais. Contudo, não se trata de uma escolha casual, mas antes, de uma opção estratégica. Trata-se de um momento histórico significativo, na medida em que a liberdade, sob um regime absolutista, foi experimentada pelos nobres como a crescente destituição de suas prerrogativas. Nesse contexto, não é razoável que ela se desenhasse como o enaltecimento das qualidades individuais, mas como a progressiva ampliação das condições de igualdade entre os indivíduos. Enquanto nivelamento das condutas, não surpreende que os livres-pensadores, libertinos ou monásticos, tenham sido perseguidos. As condições do nivelamento pela igualdade radical não conhecem espaços de exceção, nem mesmo na expressão do pensamento livre; sua imposição, frente a diversidade própria à liberdade da ação, só pode decorrer da mão forte de uma autoridade soberana. Portanto, na França dos séculos XVII e XVIII encontramos as expressões teóricas e literárias do herói clássico, as origens intelectuais de seu declínio e as elaborações de um novo modelo de indivíduo moral com suas antinomias.

Nesse caso, é evidente que um método de leitura típico, analítico ou estrutural, seria incapaz de expressar a mutação dos conceitos em questão no contexto das relações sociais. Vinicius de Figueiredo escolhe o estilo *ensaiístico* para o seu estudo. Esse gênero possibilita que se compare produções sociais das mais diversas, como cartas, romances, pinturas, discursos e tratados. A escolha desses materiais reconhece nos produtos propriamente artísticos e intelectuais da época, e não nas produções ditas políticas, como legislações e tratados, o *locus* por excelência dessa transformação antropológica. Essa escolha parece ser, apenas, uma concessão de Vinicius a suas próprias preferências, mais propensas ao discurso filosófico e à produção artística do que ao cansativo palavrório jurídico. Não obstante, é manifesto que é uma escolha constitutiva do estudo, que lhe confere estilo para além de qualquer questão de método. Se, acaso, pode-se aplicar o mesmo método e obter os mesmos resultados, ou enriquecer os presentes, analisando outros materiais, convém insistir que as qualidades analíticas do trabalho, a envergadura dos temas abordados e a riqueza de

consequências justificam sua leitura acurada, bem como a recusa de críticas que nele vejam ou exijam aquilo que ele não se propõe a ser.

Na primeira parte do livro, composta pelos dois primeiros capítulos (“Corneille, Descartes e a moral de relevo” e “Pascal e o indivíduo nivelado”), observamos o *declínio do herói clássico* e o nascimento da *consciência moral trágica*. No primeiro capítulo, a partir de excertos de La Bruyère e Bouhours, em que se comparam a poesia de Corneille e Racine, Vinicius de Figueiredo observa como no decorrer do século XVII cresce a desconfiança quanto ao modelo moral heroico do primeiro, considerado ingênuo e abstrato, em proveito da moral expressa pelo segundo, natural e realista. Esse deslocamento se deve à difusão de uma nova sensibilidade, de caráter dualista. Em seguida, demonstra-se como tanto o herói de Corneille, no plano literário, quanto o sujeito cognitivo e virtuoso de Descartes, no plano filosófico, compartilham a intenção de instaurar uma ordem moral no mundo em que subsiste a contingência e o arbítrio. Nessa constituição da subjetividade moral, que deve ser capaz de responder as adversidades do mundo e fornecer um modelo virtuoso a se seguir, ser livre não é ser igual aos demais, mas distinguir-se dos outros pelo modo que se faz uso de seu entendimento e de sua vontade. Seu declínio se deve à constituição da linguagem como ferramenta para sua própria operação sobre o mundo, tão logo o discurso é questionado como expressão da subjetividade. No segundo capítulo, a partir da polêmica de Pascal e dos senhores de Port-Royal com Descartes, Vinicius demonstra o surgimento em Pascal dos indivíduos nivelados. A submissão da nobreza à coroa obteve como resposta a elaboração teórica da doutrina do pecado original. Todos são iguais na queda, que nos distancia do ideal concebido por Deus. Nesse caso, todas as diferenças morais entre os indivíduos são irrelevantes, na medida em que compartilham a mesma situação decaída. As ações passam a ser avaliadas pelos interesses, não mais pelas qualidades que distinguem os indivíduos. O indivíduo é concebido no contexto de uma *consciência moral trágica*, a todo momento pendendo entre a grandeza e a miséria, mas sempre na mesma condição que seus semelhantes.

Na segunda parte do livro, composta pelos dois últimos capítulos (“As virtudes de superfície” e “A inversão do dualismo: Rousseau e Diderot”), observa-se a *crítica da consciência trágica* e a passagem para a *antinomia moral moderna*. Em linhas gerais, ganha cidadania nos círculos letrados, em reação à consciência trágica, uma concepção antropológica que preservará a igualdade originária, mas exigirá que a análise do indivíduo transcorra por conceitos não-individuais, originados de ciências como a economia política, a psicologia e a história universal. O interesse perde lugar para a análise das ações segundo uma *teleologia das paixões*. Agora, pois, o indivíduo moral moderno é concebido como igual a seus semelhantes, incapaz de responder, por si mesmo, como o herói clássico, à constituição da ordem do mundo, mas conduzido em suas ações por princípios de finalidade que determinam todas as ações humanas. O conceito de humanidade é elevado à categoria analítica principal, isto é, as ações são resultado da finalidade própria ao desenvolvimento da humanidade; a vida no mundo deixa de ser ilegítima. Em sua versão francesa, a subjetividade do indivíduo moral moderno se constitui na medida em que ele é, ao mesmo tempo, igual a todos e livre para agir, mas com sua ação condicionada pelo progresso do desenvolvimento humano. Como observado, caberá aos ingleses reforçar o segundo elemento da antinomia, cuja composição constitui a concepção moderna de indivíduo moral em contexto social, e cujo dilema, como observado no início, cabe aos parlamentos democráticos responder, sob pena de se deslegitimarem. Vinicius de Figueiredo apresenta, ao mesmo tempo, a origem da antinomia

moral moderna e desfaz a trama de fios de influências que compõe um de seus termos até sua origem francesa.

Por fim, o autor recorda as consequências dessa mutação da concepção filosófica de liberdade e igualdade, bem como seus principais receptores, quais sejam, os filósofos alemães dos séculos XVIII e XIX. Em âmbito teórico, o tema da igualdade radical será elevado às últimas consequências por autores como Kant e Fichte, ao passo que o tema da teleologia das paixões políticas encontrará seus partidários em autores como Hegel e Marx. Para nós, hoje, é quase impossível pensar uma teleologia da história sem abordar conceitos como consciência e luta de classe, é quase inverossímil conceber uma teoria moral que não passe pela autonomia da vontade e pelo imperativo categórico. Em linhas gerais, é como se o percurso desenhado por Vinicius de Figueiredo requeresse que nós atravessemos com ele as perturbações revolucionárias de Paris, alcancemos as calmarias de Königsberg, só para revermos as violentas querelas sobre o panteísmo e vissemos nascer em Trier uma nova tendência revolucionária, quer dizer, uma nova mutação dos conceitos que se desenha a partir daquela explorada anteriormente.

Assim, ao nos deslocarmos do âmbito próprio aos círculos intelectuais dos séculos XVII e XVIII, nós percebemos como essa genealogia filosófica não depende do tema desse estudo; sob a forma de uma investigação localizada, Vinicius de Figueiredo exercita um modo de atividade filosófica própria, com sólidas bases conceituais e que pode ser aplicado a diversas outras formas de mutação semântica. Da sua aplicação ao caso em análise, surgem diversos conceitos como o *declínio do herói clássico*, a *antinomia da consciência trágica*, a *crítica da consciência trágica*, a *antinomia do indivíduo moral moderno* e a *teleologia das paixões políticas*; o que demonstra a riqueza do modelo filosófico desenvolvido para esse estudo e nele posto em operação. Enquanto método filosófico, essa genealogia se caracteriza, como observado, como uma análise das mutações semânticas de conceitos, abordando suas consequências sociais, artísticas e intelectuais. Em tempos de análises argumentativas enfadonhas e interpretações ensaísticas desvairadas, o autor demonstra que é possível conciliar a liberdade do ensaio e o rigor da análise, oferecendo-nos um estudo impressionante, que justifica, em suma, nossa paixão pela igualdade, atualmente tão maltratada. Resta saber, afinal de contas, como é possível superar a antinomia do indivíduo moral moderno sem que percamos, com isso, as condições para o efetivo exercício da liberdade.

Referência bibliográfica

FIGUEIREDO, V. *A paixão da igualdade: uma genealogia do indivíduo moral na França*. Belo Horizonte: Relicário, 2021.